

Jornal da

SOCIEDADE BRASILEIRA DE
PSICANÁLISE
DE PORTO ALEGRE



Brasileira

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V.16 NÚMERO 02 MARÇO 2013



Mundo terminável e interminável

“...aceitar o tempo das coisas nos permite abordar a sua face mais autêntica” | **Helena Surreaux** | p. 3

E o mundo não acabou

Quando nos reunimos para pensar esta edição do Jornal da Brasileira, anunciava-se o fim do mundo para o dia 21 de dezembro de 2012. Racionalizações e explicações para o fenômeno abundavam. Porque o calendário Maia acabava em 22 de dezembro de 2012 era uma das explicações, data em que acabaria a “era do Jaguar”, a última das eras cíclicas em que os Maias acreditavam. Porém, outros diziam que o que estaria indicado naquele calendário seria o fim de um ciclo e o início de outro, não o apocalipse. Ignorou-se que os Maias tinham uma noção cíclica do tempo - para eles, o fim estava ligado ao recomeço. Esta premonição e as mudanças climáticas evidentes e cada vez mais freqüentes e preocupantes nos levaram a pensar em que espécie de psiquismo estaria colaborando para a destruição do nosso planeta e o que a psicanálise teria a contribuir para evitar ou, no mínimo, postergar este final trágico tantas vezes alardeado. E nos levou a escolher este tema como eixo desta edição. Tema que sai da clínica, tradicionalmente tratada, e envolve questões que afetam o cotidiano das pessoas.

Parafraseando Freud, pensamos nomear esta edição “Mundo terminável e interminável”, pois como diz

o economista Sérgio Besserman, quem está em risco é o ser humano, a biodiversidade se recompõe. E tudo recomeça.

Enfim, o dia 21 de dezembro de 2012 começou, em Porto Alegre, de cara feia, chuvoso, mas não trouxe o alardeado e funesto término do nosso mundo. Assim, aí vai, com satisfação, o volume 16, nº2 do Jornal da Brasileira.

Trazemos três textos de colegas “prata da casa” que aceitaram nosso convite para compartilhar conosco suas reflexões sobre esse tema que ora nos convoca. Leonardo Francischelli e Renato Trachtenberg, com opiniões diametralmente opostas, esquentam a discussão. Celso Halperin, pergunta-se de que forma, nós, psicanalistas, podemos contribuir nessa discussão. E Henrique Honigsztein nos brinda com um extrato de um trabalho denso e rico de pesquisa e reflexão que vem desenvolvendo utilizando o diário de Goebbels, o Ministro da Propaganda do III Reich analisado sob a ótica do referencial winnicottiano e que conecta perfeitamente com o tema-eixo do nosso Jornal.

Além dos textos encomendados para nossos autores, temos as notícias de cada comissão da Brasileira, uma vez que o Jornal se propõe a divulgar o trabalho dos colegas que, reunidos em pequenas comissões, pensam

juntos, propõem atividades, representam a nossa instituição. E o resultado, como vocês poderão verificar ao longo das páginas do nosso Jornal é um trabalho intenso, dinâmico e criativo.

Agradeço às comissões e suas coordenações que prontamente encaminharam suas notícias para divulgação neste espaço.

Na contracapa, oferecemos o texto de Freud Sobre a Transitoriedade (1915), um dos textos mais poéticos e otimistas do pai da Psicanálise para puro deleite. Também porque coincidentemente foi o texto escolhido pelos nossos fundadores para a reunião científica inaugural daqueles que formariam o GEP, germe da Brasileira. E, por último, porque nos abre perspectivas, olha pra frente, para o futuro.

Agradeço aos colegas da Comissão de Divulgação – Celso Gutfreind, Fátima Fedrizzi e Rodrigo Boettcher, à nossa jornalista Helena Mello e à nossa assistente Ananda Feix pelos momentos de criação em conjunto e pela vitalidade incontestável. E todos agradecemos a inestimável contribuição de Adriana Loiferman, que afastou-se, esperamos que temporariamente da nossa comissão.

Abraço e boa leitura

Ester Malque Litvin - editora


Jornal da
Brasileira

Jornal da Brasileira
Órgão de Divulgação da Sociedade Brasileira de
Psicanálise de Porto Alegre,
fundada em 1992.

Rua Quintino Bocaiuva, 1362
CEP 90440-050 – Porto Alegre – RS – Brasil
Tel./Fax 55 51 3330-3845 | 3333-6857
www.sbpdepa.org.br | sbpdepa@sbpdepa.org.br
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

DIRETORIA

Presidente: Dra. Helena Ardaiz Surreaux
Secretário: Dr. Newton Maltchick Aronis
Tesoureiro: Dr. Lores Pedro Meller
Comissão Científica:
Dra. Astrid Elizabeth Müller Ribeiro
Comissão de Comunicação:
Dra. Ester Malque Litvin
Comissão de Relações com a Comunidade:
Dra. Patrícia R. Menelli Goldfeld
Comissão Centro de Atendimento (CAP)
Psicanalítico: Dra. Ane Marlise Port Rodrigues

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretor: Dr. José Luiz Freda Petrucci
Secretário: Dr. Flávio Roithmann
Coordenador da Subcomissão de Formação:
Dr. Gildo Katz
Coordenador da Subcomissão de Seminários:
Dr. José Ricardo Pinto de Abreu
Coordenador da Subcomissão da Infância e Adolescência: Dra. Mayra Dornelles Lorenzoni
Associação de Membros do Instituto: Dra. Magda R. Barbieri Walz

NÚCLEOS

Núcleo de Infância e Adolescência:
Dra. Eluza Maria Nardino Enck
Núcleo de Vínculos:
Dra. Denise Zimpek T. Pereira
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis:
Dr. Márcio José Dal-Bó
Grupo de Estudos Espaço Potencial:
Dra. Eliane Nogueira e Dra. Caroline Milman
Grupo de Estudos Pró-Criar
Grupo de Estudos Metapsicologia Freudiana
enigmas e vicissitudes:
Membro Honorário: Dr. David Zimmermann

JORNAL DA BRASILEIRA

Editor: Dra. Ester Malque Litvin
Conselho Editorial: Dr. Celso Gutfreind,
Dr. Rodrigo Boettcher,
Dra. Fátima Maria Tonolli Fedrizzi
Jornalista Responsável/Editoração:
Helena Mello
Revisão de português: Ana Raquel Salgado
Projeto Gráfico: Paola Bulcão Manica
Assistente Editorial: Ananda Feix
Secretária: Micaela Wünsch
Execução Gráfica: Calábria
Tiragem: 500 exemplares

Uma reflexão sobre nossa relação com o tempo e com o outro

Estas “palavras” encontram a Diretoria em um momento de balanço, próprio da situação de estar na metade do mandato. Condição interessante esta: temos o benefício da experiência acumulada no trabalho de captação do movimento institucional e o privilégio de ainda ter tempo para desenvolver muitas das ideias que nortearam nossa candidatura. Ineludível o convite de manter os objetivos do início e balizar o realizado, o realizável e o que deve ser postergado por estar além dos limites de uma gestão. Isto nos enfrenta com uma das dimensões organizadoras da vida, tão fundamental quanto inquietante: o curso do tempo. Compreendê-lo, aceitar o seu ritmo e acertar o passo com ele é a chave da lógica inconsciente da marcha institucional. É ainda a barreira contra os ventos narcisistas que podem nos conduzir por rotas equivocadas, que levem a invasões ou afastamentos excessivos, se nossa mente se distanciar da essência do desejo da Instituição. Saberemos sempre interpretar as distintas forças que o constituem?

Esse desafio, constante em todos os âmbitos da vida, ligado à relação com o tempo e com a alteridade encontra todo o sentido nas palavras de Raduan Nassar, autor de “Lavoura Arcaica”: “(...) rico só é o homem que aprendeu, piedoso e humilde, a conviver com o tempo, aproximando-se dele com ternura, não contrariando suas disposições, não se rebelando contra o seu curso, não irritando sua corrente, estando atento para o seu fluxo, brindando-o antes com sabedoria para receber dele os favores e não a sua ira; o equilíbrio da vida depende essencialmente deste bem supremo, e quem souber com acerto a quantidade de vagar, ou a de espera, que se deve pôr nas coisas, não corre nunca o risco, ao buscar por elas, de defrontar-se com o que não é...”

Parece que aceitar o tempo das coisas nos permite abordar sua face mais autêntica... Esse é um trabalho de muita delicadeza, que pressupõe uma posição básica de disponibilidade psíquica ao outro. Essa busca, tão reconhecidamente fundamental na clínica psicanalítica, é a mesma requerida para dirigir uma sociedade, mas ampliada ao grupo social. Acompanhar inequívocos desejos de mudança, com todas as suas idas e vindas, seus progressos e retrocessos é uma tarefa que nos convida como grupo dirigente.

Esta reflexão, que compartilho com os colegas através deste espaço privilegiado, pretende manifestar a atitude interna da Diretoria. Nossas ações, no sentido de buscar essa sintonia com as

diferentes forças pulsantes no âmago da Brasileira, têm sido principalmente na criação de espaços de reflexão e discussão. Por isso, esperamos seguir contando com a presença dos colegas nas Reuniões Gerais e Assembleias, fóruns adequados para fazer circular o livre pensar, podendo problematizar as questões e encaminhar criativamente os impasses. Durante este ano de gestão, além de desenvolver as metas previstas, a Diretoria, foi identificando algumas premências, fonte de desconforto, com as quais envolveu-se na busca de soluções. A experiência foi extremamente positiva, pois colocou de manifesto, mais uma vez, a capacidade de mobilização da Sociedade. Todos saímos enriquecidos com essa união de forças em prol de um propósito coletivo.

O ano de 2013 já se apresenta muito movimentado. Além dos grandes Congressos, da IPA em julho e da Febrapsi, em setembro, teremos muitas atividades científicas organizadas pela Brasileira. Citarei apenas algumas. Começaremos com uma atividade interna, junto ao nosso convidado, Dr. Daniel Delouya, Membro didata da Sociedade Psicanalítica de São Paulo, centrada em “Tótem e Tabu”, artigo que será tema do Congresso Brasileiro em Campo Grande. O encontro com o Dr. Delouya propõe uma discussão profunda do texto freudiano, focada em duas linhas: 1- O projeto de Totem e Tabu: falta, luto e simbolização. 2- Os limites econômicos do projeto freudiano: destrutividade, fetichismo e sintoma. Talvez pudéssemos propor alguns encontros prévios à vinda do convidado para estudo do tema, como aquecimento para o encontro dos dias 23 e 24 de março.

A nossa Sociedade sediará dois eventos latino-americanos: o V Encontro Latino-americano de Família e Casal, em 7 e 8 de junho e a Jornada de Psicanálise de Crianças e Adolescentes da Fepal, em 30 e 31 de agosto. Estamos ainda trabalhando no sentido de sediar um encontro, também interregional sobre Escrita e Psicanálise em novembro. Além disso, gostaria de salientar a criação das novas comissões, abertas a todos os membros, que visam produzir mais espaços de participação, bem como expandir a Brasileira e a Psicanálise na comunidade em geral. Refiro-me às comissões de: Projeto Social, de Universidades e Interiorização, de Educação à Distância, de Pesquisa, de Mídias e de Memória e Arquivos. Vários colegas já estão inscritos, mas as comissões ainda se encontram abertas à entrada de novos integrantes. Temos uma reunião de todas as comissões prevista para março.

Estas “palavras”, que refletem sobre nossa relação com o tempo e com o outro, afinadas com este Jornal, que fala de destrutividade e sustentabilidade são um convite para um olhar carinhoso para nós mesmos, nossa convivência na Brasileira e nossa relação com o planeta.

Helena Surreaux - Presidente

Regulamento revisado e propostas de novos seminários para 2013

Em nosso primeiro ano de atividades procuramos dar continuidade ao trabalho que já vinha sendo realizado pela diretoria anterior, principalmente no que se refere a priorizar a oferta de seminários para os Membros do Instituto que, por estarem prestes a concluir sua formação, precisavam concluí-la. Nesse sentido, louve-se o trabalho do Dr. José Ricardo Abreu, pelo amplo levantamento que fez para que essas prioridades fossem atendidas. Com certeza não atingimos a meta ideal, mas creio que fizemos o melhor possível, diante de tantas variantes. Cabe registrar, também, que temos tido um trabalho bastante articulado entre todos os membros da Diretoria, cada um com seu papel específico, mas todas as decisões sendo tomadas pelo conjunto dos membros.

Foram necessárias correções em algumas normas novas do Instituto, sobretudo aquelas que não constavam, por razões de tempo, no texto oficial do Regulamento do Instituto, o que fazia com que nem todos tivessem conhecimento delas. Agradecemos à Diretoria da Sociedade por sua colaboração no sentido de convocar Assembléias para que tais normas pudessem ser referendadas e dar segurança às nossas decisões.

Levamos para uma de nossas Assembléias a questão de como fazer a escolha dos Coordenadores de Seminários e decidimos por um regime misto, em que tanto os próprios coordenadores quanto os membros do Instituto participarão dessa escolha.

Estamos implantando gradualmente uma maior quantidade de Seminários clínicos em nossa grade de atividades. Pude perceber, durante o último Congresso Latino-americano de Psicanálise, que houve, de parte de um grande número de presentes, sobretudo estudantes de psicanálise, uma reivindicação de que houvesse mais seminários clínicos regulares nas formações psicanalíticas, o que coincide com o que pensa a atual Diretoria sendo que, mesmo entre nossos Membros do Instituto, tal solicitação já havia sido feita várias vezes. Assim, a meta a atingir será a de, em se tornando possível, oferecermos esses eventos, em rodízio entre os colegas com função didática, em todos os semestres.

Outro projeto, sobre o qual estamos estudando as possibilidades, será o de oferecer seminários de matérias básicas, como filosofia, antropologia, mitologia, etc., para aqueles que, aprovados para iniciar a formação, permanecem um ano sem qualquer atividade. Esperamos sugestões nesse sentido.

Cabe finalmente informar que, para o próximo semestre, teremos o ingresso de cinco novos Membros do Instituto, aos quais pretendemos receber com o afeto de sempre, e agradecer a colaboração fundamental dos colegas de Diretoria Flávio Roithman, José Ricardo Abreu, Gildo Katz e Mayra Lorenzoni, bem como à Presidente da AMI por sua sempre importante presença.

Grato ao Jornal da Brasileira por ter oferecido esse espaço.

José Luiz Petrucci
Diretor do Instituto de Psicanálise

Laços mais estreitos ao final da gestão

Após dois anos à frente da AMI, este é o momento de nos despedirmos. Assumimos a gestão com o franco propósito de estabelecer laços com colegas de outros Institutos, tanto daqui como de fora do país. Acreditamos que a transmissão da psicanálise também se dá entre pares. Com isso em mente, estreitamos ainda mais as relações com os colegas da SPPA e SPPEL, com os quais realizamos atividades que nos integraram e nos enriqueceram. Participamos ativamente das jornadas da OCAL, tanto em Montevideu como na cidade do Panamá, o que nos revelou realidades institucionais bastante distintas; no entanto, encontramos um traço comum, um elo que nos uniu: o entusiasmo pela psicanálise.

Internamente, trabalhamos no sentido de seguir nos integrando e nos fortalecendo como grupo. Hoje, somos um grupo organizado, graças ao trabalho que vem sendo realizado desde sua fundação, pelas diretorias que nos precederam. Ainda há muito por fazer. Como analistas em formação, seguimos com a tarefa de nos apropriarmos do lugar de analistas e o grupo de colegas também faz parte dessa construção. Finalizando, gostaríamos de saudar a nova diretoria que irá nos representar pelos próximos dois anos. Bom trabalho a todos!

Christiane Paixão, Maria Isabel Pacheco, Renata Viola Vives, Alexandre Antunes

Pensando propostas

Composto pelas colegas Aline Pinto, Adriana Ampezzan, Caroline Milman, Kellen Gurgel Anchieta, Magda Martins Costa e Magda Walz, o grupo do Núcleo da Infância e da Adolescência (NIA) da Brasileira está sendo coordenado atualmente pela colega Eluza Nardino Enck que, seguindo o modelo da coordenação anterior, mantém os encontros nas sextas-feiras, às 16h30min. O grupo se propõe a repensar o seu lugar, seu papel, sua função dentro da Brasileira, firmar as conquistas alcançadas até aqui e traçar novas perspectivas.

O NIA objetiva seguir abrindo novos espaços dentro e fora da nossa Sociedade, pensando em novas parcerias a serem formadas para enriquecer e ampliar seu espectro de penetração e divulgação na área da infância e adolescência. Muitas ideias estão sendo gestadas e desejamos em breve divulgá-las a todos.

Eluza Nardino Enck
Coordenadora do NIA

Notícias do CAP

As reuniões do Centro de Atendimento Psicanalítico da SBPdePA seguem acontecendo em dois momentos: reunião diurna (última terça do mês) e reunião noturna (primeira quarta do mês). Os pacientes têm chegado a partir do *site* e também encaminhados por profissionais ou conhecidos seus que já tiveram contato com o CAP, o que indica que o mesmo está se tornando mais conhecido e reconhecido pelo seu atendimento. Inclu-

sive, o rápido encaminhamento a partir da secretaria e o pronto contato dos colegas têm gerado comentários de pacientes elogiando a agilidade e atenção recebidas. São pessoas de diversas faixas etárias que buscam atendimento psicanalítico a custos acessíveis feito por profissionais com formação analítica. Dentro do projeto de integração do CAP com a Comissão Científica, tivemos as seguintes atividades conjuntas:

- reunião clínica em 25/05/12 com material trazido por Magda Walz e comentado por Eliane Nogueira, que permitiu uma rica discussão em torno das defesas caracterológicas de tipo fálico-histérico em paciente sobreadaptado;
- reunião clínica em 26/10/12, onde a problemática de um paciente adulto e suas dificuldades em estabelecer vínculos serviu de base para o exercício de escuta do pensamento de cada colega e de sua teoria subjacente.

O material clínico foi fornecido por Ângela Schwerz e debatido inicialmente por Helena Surreaux;

- atividades “Pensando Juntos Sobre” de integração entre os grupos da Brasileira com a discussão do filme *Coraline* (em 22/06/12) e do Complexo de Édipo a partir do artigo “Psique e Cupido: a síndrome de psique” de Ricardo Moscone (APA), publicado no volume 14 da Revista da Brasileira (em 09/11/12, Revista *Piscanalise*, vol.14, nº 1, pp, 265-294).

O CAP pretende, ao longo de 2013, aprofundar o estudo sobre questões envolvendo a transformação do pedido de ajuda de um paciente em uma demanda de análise. Portanto, várias interrogações têm surgido aos participantes do CAP a partir da clínica e do encontro com os colegas.

Ane Marilise Port Rodrigues - Coordenadora do CAP

Núcleo de Vínculos e
Transmissões Geracionais

“V Encontro Latino-americano de Vínculos” em Porto Alegre

O Núcleo de Vínculos e Transmissões Geracionais esteve em plena atividade em 2012 e, em outubro, teve a honra de receber uma de suas mestres, a Dra. Janine Puget, que ministrou uma palestra aberta ao público em nossa sede. A convidada esteve presente em várias horas de estudo e supervisão com os membros do Núcleo, que encerrou o ano com muitas realizações.

Para esse ano, o Núcleo está preparando o “V Encontro Latino-Americano de Vínculos” - Comissão de Família e Casal da FEPAL. Anteriormente realizado em Buenos Aires, São Paulo, Montevideu e Rio de Janeiro, será organizado e promovido pela SBPdePA, nos dias 07 e 08 de junho de 2013, em Porto Alegre. Já estão confirmadas para o evento as convidadas argentinas Sonia Kleiman e Dra. Janine Puget.

Denise Zimpek Pereira - Coordenadora do Núcleo de Vínculos e Transmissões Geracionais

Realização de eventos, integração e divulgação de trabalhos movimentam a Comissão Científica

Ao término do nosso primeiro ano de atividades científicas dessa gestão, acreditamos ter realizado muitos dos objetivos aos quais nos propusemos. As atividades da última quarta-feira de cada mês na Livraria Cultura - “Os Sete Pecados Capitais” - tiveram uma resposta bastante positiva, lotando praticamente todos os encontros, com um público diverso e participante. Nossa “X Jornada Científica”, ocorrida em agosto de 2012, também atendeu à expectativa de aprofundamento teórico, através do nosso convidado da Sociedade Italiana de Psicanálise, Dr. Franco Borgogno. Foram realizados vários momentos de discussão preparatórios, oficinas de leitura envolvendo a participação de um número significativo de colegas da Brasileira e do público em geral. Junto com os coordenadores de grupo de estudos e núcleos da Brasileira, criamos o espaço “Pensando Juntos Sobre” e realizamos dois encontros: “Pensando juntos sobre Coraline” e “Pensando juntos sobre Édipo”. Alternamos reuniões científicas entre sextas-feiras e sábados, buscando atender às expectativas da pesquisa rea-

lizada no início da nossa gestão. Desenvolvemos atividades conjuntas com o Núcleo de Vínculos e Transmissão Transgeracional, trazendo para estudar e debater duas convidadas internacionais – Dra. Sonia Kleiman e Dra. Janine Puget, que muito nos entusiasmaram. Promovemos, com o Núcleo de Atendimento Psicanalítico (CAP), duas “Reuniões Científico-Clínicas”. Buscamos a valorização da produção científica de colegas que lançaram livros, realizando discussões sobre os temas publicados, seguidas de sessão de autógrafos. Enfim, consideramos que nosso objetivo de desenvolvimento científico, maior participação da prata da casa e integração foi atendido dentro das possibilidades de nossa agenda. Muitos dos nossos colegas ainda não foram atendidos em suas expectativas, mas esperamos que todos possam se manifestar para solicitar agendamento e compartilhar suas ideias nesse próximo ano. Nossa agenda para 2013, portanto, encontra-se aberta e gostaríamos de contar com a participação efetiva de todos. Todos os membros da SBPdePA estão convidados a divulgar traba-

lhos apresentados em Jornadas Externas ou suas produções científicas no novo espaço criado às segundas quartas-feiras de cada mês - as “Quartas Científicas”. Para isso, precisamos ser informados sobre a produção científica, publicação de livros dos colegas para que possamos divulgá-los e incluí-los na nossa programação científica.

Já estamos com algumas datas agendadas:

- 23 e 24 de março de 2013: Totem e Tabu, cem anos. Convidados: Dr. Daniel Delyia e colegas da SBPdePA.
- 12 e 13 de abril de 2013: Jornada do NIA. Convidada: Dra. Viginia Ungar.
- 17 e 18 de maio de 2013: Encontro sobre a Escrita em Psicanálise.
- 7 e 8 de junho de 2013: Jornada de Vínculos da FEPAL – organizada e sediada pela Brasileira.

Astrid Müller Ribeiro
Coordenadora Científica

Espaço Potencial

Leituras em homenagem a grandes psicanalistas

Tanto o primeiro quanto o segundo semestre de 2012 foram ocupados pelo grupo com leituras do autor André Green, em uma antecipada homenagem ao grande psicanalista, como já havíamos feito com Joyce McDougall, em 2011. O grupo ainda fez uma pausa nos estudos de Green para se preparar para a Jornada da SBPdePA, dedicando-se, durante os dois meses que antecederam o evento, aos textos do convidado Franco Borgogno. Em março desse ano, retomamos os estudos de Winnicott e intersecção com outros autores. Continuaremos nos encontrando às sextas-feiras, às 15h15min, com a participação dos colegas Astrid Ribeiro, Caroline Milman, Celso Halperin, Denise Haeberle, Eliane Nogueira, Ester Litvin, Fátima Fedrizzi, Lisiane Cervo, Paulo Picarelli Ferreira.

Eliane Nogueira - Coordenadora do Espaço Potencial

Atividades intensas atraem público externo para a Sociedade

O ano de 2012 foi extremamente produtivo no que se refere à proposta de aproximação da Brasileira com a Comunidade, tendo atingido plenamente seu objetivo, que é transmitir a psicanálise e trazer para a Instituição pessoas que ainda não a conhecem. Foram realizados três Cine-fóruns: em maio, ocorreu o debate sobre o filme “Um conto chinês”, que contou com os convidados Ana Rosa Trachtenberg, Celso Halperin e Renato Breda; em junho, assistimos “Melancolia”, com a participação de Fernando Kunzler, Paulo Picarelli Ferreira e Marco Aurélio Albuquerque e, em agosto, a casa lotou com “Precisamos falar sobre Kevin”, sendo que Júlio Campos, Luciana Schmal e Eluza Enck foram os comentaristas convidados.

Fazendo parte da programação da Comissão de Relações com a Comunidade, estão ocorrendo Estudos de Casos Clínicos, Grupos de Estudo e Seminários Clínicos como forma de “diálogo” com estudantes e profissionais de outras áreas do conhecimento e integrantes de outras Instituições. Dando continuidade à parceria SBPdePA com a Uniritter, em setembro de 2012, teve início a terceira turma de Pós-Graduação do curso “Psicanálise e Educação”, cujo público-alvo são psicólogos, pedagogos, professores e demais profissionais das áreas humanas. Esse projeto visa à divulgação da psicanálise em outros meios da comunidade, propiciando uma maior

oxigenação de nossas relações com profissionais de outras áreas do conhecimento.

A partir do segundo semestre de 2012, novas Comissões foram criadas na Brasileira, ligadas à diretoria de Relações com a Comunidade, com o objetivo de buscar uma inserção da nossa Sociedade nas políticas públicas. São elas: Comissão de Projeto Social, que visa interagir com a população vulnerável e com equipes que trabalham com a mesma; Comissão de Universidades e Interiorização, que tem como foco realizar parcerias com Universidades da capital e do interior do Estado; e a Comissão de Educação à Distância, que se propõe a viabilizar o desenvolvimento de cursos sobre temas de psicanálise, via internet, difundindo este estudo para regiões distantes, sob a coordenação de membros da Brasileira.

A Comissão de Relações com a Comunidade, nesta gestão, conta com as colegas Denise Zimpek Pereira, Jussara Körbes, Léa Maria Klöchner, Renata Vives e Rosa Beatriz Santoro Squeff, e permanece aberta a todos os integrantes da SBPdePA que queiram enriquecer seu trabalho junto à Sociedade e mostrar que psicanálise não se faz só nos consultórios.

Patrícia Rivoire Godfeld
Coordenadora da Comissão de Relações com a Comunidade

Meu filho

*Filho amado.
Tão bonito por fora
Lindo de morrer
Por dentro
Beija flor delicado
Tão forte, e delicado
Sempre presente
Calado
Mas ao lado
Preocupado em dar
O mais quente
Abraço solidário
Meu filho
Tão bonito, por fora
Lindo de morrer,
por dentro
Num momento
solitário
Presta atenção, e
Vem com seu abraço
Amoroso, carinhoso
Tão amistoso
Meu filho
Lindo de morrer
Por dentro
Tão bonito, por fora.*

Jeanete Sacchet

Movimentos

* Nova diretoria da AMI para o biênio 2013-2014

Presidente: Magda R. Barbieri Walz

Vice Presidente: Kellen Gurgel Anchieta

Secretário: Fábio Martins Pereira

Tesoureiro: Tamara Barcellos J. Ferreira

1º Conselheiro: Christiane Vecchi Paixão

2º Conselheiro: Patrícia Poerner Mazon

* Christiane Vecchi da Paixão foi eleita, durante o último Congresso da FEPAL, em outubro de 2012, para ser um dos dois representantes brasileiros na nova diretoria da OCAL. A presidência da OCAL está a cargo da Dra. Cecília Moia, da Associação Psicanalítica Argentina.

* Cynara Cezar Kopittke é representante do Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional no Comitê de Família e Casal na FEPAL.

* O colega Júlio Campos participou, no começo de outubro de 2012, do Congresso “Age and Creativity”, em Lucca, na Itália, apresentando o trabalho “O Criativo é Longevo?”. Além das conjecturas teóricas pertinentes, este trabalho gira em torno de uma pesquisa com mais de 1.800 artistas, desde o século XIII. O trabalho será apresentado na nossa Sociedade em março.

* Com satisfação anunciamos que a experiência em Observação da Relação Pais-Bebês (ORPB) está sendo oferecida como seminário opcional a todos os membros da Brasileira e passa a ser curricular para os colegas que iniciarem a formação em Psicanálise da Infância e Adolescência. O seminário terá início em março de 2013.

* Finalizando o primeiro ano de gestão, a Diretoria da SBPdePA e a Comissão Científica organizaram, dia 08 de dezembro, o último encontro científico-cultural, sob a coordenação da colega Kellen Gurgel Anchieta, reunindo os talentos da Brasileira, que se propõem a expressar suas inquietações através da arte com palavras e com música: Celso Gutfreind publicou mais um de seus livros, intitulado “A Dança das Palavras”, com comentários de Léa Masina e de Helena Surreaux;

Caroline Milmann compartilhou suas inspirações poéticas com o livro “Aqui Jasmim”, com comentários igualmente poéticos de Astrid Ribeiro;

Fábio Corsetti, o nosso músico psicanalista, com o lançamento de seu mais recente CD, “Lá e Cá”.

* Membros promovidos a Titulares:

- Roberto Barberena Graña, Cynara Cezar Kopittke, Maria Isabel Perez Mattos

* Membro concluindo a formação em Psicanálise:

Rodrigo Valmor Mendonça Boettcher

* Membro concluindo a formação em Infância e Adolescência: Astrid Müller Ribeiro.

Mundo terminável e interminável

Psicanálise e sustentabilidade: o que nós temos a ver com a questão da preservação ambiental?

Celso Halperin (SBPdePA)

Convidado a participar de uma mesa multidisciplinar sobre preservação ambiental no ciclo Brasileira na Cultura, senti-me desafiado a pensar, pela primeira vez, na questão da sustentabilidade ambiental a partir do vértice da psicanálise. Comecei, então, a me dar conta de que a sustentabilidade e a preservação ambiental são duas das mais persistentes pautas dos debates contemporâneos. Imbuído de pensar nesse tema, uma questão, aparentemente simples, comecei a me ocorrer reiteradamente: por que essa nossa insistente preocupação com a natureza, com a preservação ambiental? Será apenas mais um modismo contemporâneo? Confesso que várias hipóteses me ocorreram. Por exemplo: será por compaixão nossa pela natureza a partir dos sinais do seu adoecimento em função do efeito estufa, pela emissão crescente de gás, bem como pela produção abissal de lixo e destruição da biodiversidade? Ou talvez pela complexidade que a civilização humana alcançou em valorizar os animais e mesmo os vegetais, apesar de reconhecer que esses seres não têm a capacidade humana de pensar e raciocinar de forma complexa? Podemos também pensar que é por uma maior consciência nossa da importância da preservação da natureza como um valor cultural? Não creio em nenhuma dessas explicações, pois não é da nossa índole, apenas em função dos danos que provocamos à natureza, abrir mão de todas as vantagens que o desenvolvimento da civilização alcançou, principalmente quando refletimos sobre a forma com que a nossa cultura imediatista relaciona-se com o ecossistema. Se estamos preocupados com a questão da sustentabilidade ambiental é tão somente porque começou a soar o alarme de que, no ritmo em que estamos tratando nosso planeta, nós, humanos, seremos muito prejudicados. Pela primeira vez estamos recebendo sinais de que pode haver alterações na natureza capazes de inviabilizar, de alguma forma, a sobrevivência da espécie humana. Em um Simpósio sobre Psicanálise e Sustentabili-

dade realizado no Rio de Janeiro em 2010, com apoio da Febrapsi, Sérgio Besserman (economista) fez alguns comentários muito interessantes. Disse ele que a humanidade não pode e não tem condições de fazer um mal permanente à natureza do planeta. As forças humanas são insuficientes para representar uma ameaça real. Chega a dar como exemplo que, se todo o arsenal nuclear disponível no planeta fosse acionado simultaneamente, nada de grave aconteceria com a Terra. Se multiplicássemos por mil, por alguns milhares todo o arsenal nuclear disponível, e esses fossem ativados simultaneamente, ainda assim nada de muito grave aconteceria com a Terra. Com o homem sim, provavelmente esse desapareceria, assim como muito da biodiversidade presente hoje na natureza. Mas o planeta Terra, esse rapidamente se refaria, e o Universo como um todo nem sentiria cócegas. Besserman comenta que, se colocarmos o tempo de existência do nosso planeta em um relógio de 24 horas, nós, humanos, passamos a existir somente no último segundo. Ou seja, somos muito novos, muito recentes, não temos essa capacidade toda, onipotente, que imaginamos ter de destruir tudo; seja o universo, seja o sistema solar, ou mesmo o nosso planeta. Temos apenas, pelo menos até agora, plenas condições de destruímos as condições da nossa própria existência.

E é disso que se trata a nossa real preocupação: não é nenhuma crise ética, não é nenhum sinal de maturidade do nosso ser em relação aos outros seres, não é uma maior consciência do nosso egoísmo em relação aos demais seres vivos, nada disso. É a percepção de que, seguindo a atual forma de lidar com a nossa natureza, a nossa própria existência, ou pelo menos a dos nossos descendentes, pode ficar ameaçada. A partir dessas e outras discussões sobre o tema, é natural que outra questão se imponha: além de todo o desenvolvimento tecnológico, no sentido de buscar a sustentabilidade ou mesmo de incrementar a capacidade de resiliên-

cia da natureza, de que forma, nós, psicanalistas, com nosso conhecimento específico, podemos contribuir nessa discussão?

Podemos propor que tomemos o modelo de desenvolvimento do indivíduo proposto por vários psicanalistas, dentre eles Winnicott, em que a forma de lidar com o ambiente, ou com o meio-ambiente, seja compreendida como fazendo parte do desenvolvimento normal de cada um de nós. O que isso significa? Significa que assim como esperamos que o indivíduo, desde que nasce, ou até mesmo antes, vá progressivamente integrando a percepção do seu corpo com as suas fantasias, agressões, paixões, sexualidade, etc., dentro daquilo que podemos chamar de *self*, também a percepção da existência de um ambiente em que ele habita e depende é fundamental para a formação da sua identidade, tanto como os demais aspectos subjetivos. Ou seja, podemos pensar que a noção de saúde mental tenha que levar em consideração tanto as questões psíquicas e físicas do indivíduo, como também a sua integração com o ambiente, e aqui é importante mencionar que, quando pensamos em ambiente, pensamos não só nas pessoas que assumiram importantes funções em nossas vidas (maternas, paternas, fraternas, etc.), como devemos também pensar a questão do meio-ambiente, ou seja, a integração do sujeito com o meio em que ele vive. Em uma avaliação psicanalítica do indivíduo, sempre é dada uma especial atenção ao ambiente no sentido de saber como foram as relações daquela pessoa com sua mãe, com seu pai, com os irmãos, na escola, amigos, trabalho, etc. Como se relaciona com a cultura que herda e com

a cultura em que vive. Mas quem de nós amplia essa noção de ambiente para o meio-ambiente, no sentido de pesquisar a relação de uma pessoa com a natureza, de quem depende para sua sobrevivência? Poderíamos, por exemplo, considerar em uma avaliação o grau de consciência que uma pessoa tem de sua interdependência da natureza, das características dessa relação, do significado da natureza e do valor simbólico desse vínculo tão intenso. Não poderia ser um importante aspecto de saúde mental a ser avaliado, de forma complementar à capacidade de vínculos afetivos? Eu, na verdade, nunca vi uma avaliação psicanalítica onde é dada uma atenção à relação do indivíduo com o meio-ambiente. Por quê? Mas quero voltar ao desafio de pensarmos na relação do homem com a natureza. Podemos pensar que o homem, assim como qualquer ser vivo, faz parte da natureza. Está intrinsecamente dentro do Universo, assim como todos os outros seres conhecidos ou não conhecidos que fazem parte do Cosmos. O homem, na natureza, tem o seu papel, assim como os animais, vegetais e mesmo os minerais. Mas o homem, assim como eventualmente faz em relação a certos aspectos psíquicos ou físicos seus (como com o corpo, sexualidade, agressividade, etc.), muitas vezes também percebe o mundo de forma dissociada de si, como se não tivesse nada a ver com ele, e eventualmente como se já o tivesse dominado. Com nossa capacidade de pensarmos onipotentemente, justificamos, muitas

vezes, essa dissociação homem/ambiente, colocando-nos ou como o centro do Universo ou como capazes de dominar a natureza. Claro que essa ideia que temos de nós mesmos é muito baseada no fato de termos desenvolvido uma forma de pensamento excepcional, em que a consciência de si, a capacidade simbólica e a consequente linguagem desenvolvida permitiram avanços inusitados em termos de tecnologia e de formas de civilização. E, nesse sentido, talvez realmente nos percebamos únicos. Mas estamos demorando a entender que a capacidade de pensamento, essa rara capacidade humana, é apenas uma especialidade desenvolvida por nós, humanos, para sobrevivermos. Ou seja, assim como o pássaro especializou-se em voar, o peixe em nadar, a folha em promover a fotossíntese, a flor em ser atrativa, e mesmo a pedra especializou-se em durar, nós, humanos, especializamo-nos em pensar. Mas devemos ficar atentos, pois a capacidade desenvolvida por nós de pensar no próprio homem e na natureza não nos torna maiores ou em condições de prescindirmos dessa mesma natureza, somente porque ela não desenvolveu a capacidade de pensar. Da mesma forma que os vegetais, por terem desenvolvido a imprescindível capacidade de fotossíntese, não podem prescindir dos demais elementos da natureza para continuar a existir e a se reproduzir.

Assim como o homem, em algumas ocasiões, trata seu corpo, sua sexualidade ou outros aspectos seus como dissociados do seu Eu (*self*), também trata, muitas vezes, seu habitat como não tendo uma função imprescindível para si. Aqui, gostaria de lembrar um lindo trabalho de Winnicott, de 1963, chamado *O desenvolvimento da capacidade de se preocupar*. Nesse trabalho, o autor coloca dois conceitos que podem nos ajudar muito a

pensar essa questão. Fala do *Concern*, ou capacidade de se preocupar por um lado, e do sentimento de culpa, por outro.

O sentimento de culpa seria a ansiedade ligada à ambivalência de sentimentos ainda não satisfatoriamente integrados no Eu. Poderia usar como exemplo eu não perceber como autenticamente meu um determinado impulso agressivo dirigido a alguém (ou ao meio-ambiente), e frente a suas consequências me sentir culpado, como se esses impulsos não tivessem a ver com o resto da minha personalidade (Como EU fui capaz de fazer isso?). Já a capacidade de se preocupar (ou de consideração) está ligada ao conceito de integração, e, mais do que isso, com o conceito de responsabilidade. O que isso significa? Significa que, se há uma maior integração do *Self*, Eu sou o responsável pelos meus sentimentos, fantasias, atos e até mesmo pelas minhas ambivalências. Nesse sentido, assumiria como próprios os impulsos agressivos do exemplo anterior, com todas as suas consequências em relação a mim mesmo, aos outros e a tudo que me cerca. Ou seja, assumiria a responsabilidade por todo o meu Eu, já que funcionaria com certo nível de integração, ao contrário do sentimento de culpa, onde o funcionamento de certas partes minhas (geralmente aquelas não tão agradáveis) não é percebido como próprio, como fazendo parte verdadeiramente do meu Eu. Poderíamos, então, pensar em ampliar o conceito de desenvolvimento emocional de Winnicott, propondo não só a integração psíquica e física, a integração entre a realidade individual e a realidade comunitária, mas também um progressivo movimento de integração do indivíduo com o meio-ambiente. Talvez essa seja uma forma, entre tantas, que a Psicanálise possa contribuir para a compreensão do relacionamento do homem e seu entorno.

O planeta e a psicanálise

Renato Trachtenberg (SBPdePA)

O título, sugerido pela editoria de nosso Jornal, tem sua inspiração no texto de Freud, *Análise Terminável e Interminável* (1937). Mas, diferentemente da análise, o mundo, enquanto lugar de moradia, habitat e espaço continente da humanidade, certamente terá um fim. Já sabemos que a opção de sua interminabilidade não existe. A questão que se coloca é se esse fim será uma morte natural/acidental

ou produto de um homicídio suicida globalizado. O que observamos e detectamos é que cada vez mais a segunda opção é a mais provável, para não dizer a única. Vou compartilhar com os leitores algumas perguntas que podem nos levar a algumas respostas possíveis, mas que não esgotam a incomensurável complexidade do problema. As perguntas: o que leva o homem a destruir as possibilidades de uma sobrevivência maior de nosso planeta? Por que atacar as fontes de nossa subsistência e as

das futuras gerações? O que se ganha com isso? Quem ganha com isso?

Bion define a inveja como um impulso para inibir os bons objetos que geram crescimento e mostra, também, que essa inibição produz, de maneira simultânea, um crescimento negativo análogo ao crescimento canceroso. Por conseguinte, Bion descreve a inveja valendo-se de um modelo espectral, que permite estabelecer diversos graus de correlação entre o crescimento positivo e o negativo. Com isso,

evita o risco do reducionismo, tão presente no uso de conceitos psicanalíticos para “explicar” o mundo e suas circunstâncias. Se tomamos a questão da inveja como metáfora ou modelo (o mesmo vale para a metáfora do câncer em relação à inveja), penso que algumas luzes poderiam iluminar (e não explicar!) o campo obscuro daquilo que denomino, juntamente com Arnaldo Chuster, Complexidade do Mal.

Ao longo da história destrutiva (em contraste com a história construtiva) da civilização humana, somente algumas regiões do planeta se acharam em perigo. Assim como “somente” alguns povos, raças, etc. Na atualidade, sabemos que é o próprio planeta e seus habitantes que correm o risco de desaparecer: a magnitude do problema é histórica e socialmente inédita. Tal fato, por si só, deveria ampliar a discussão sobre a questão das origens do “Mal no ser humano”. Freud, em diversos momentos, mas especialmente no “Mal-estar na Cultura”, trouxe uma visão bem realista das forças do Mal em confronto com a fragilidade daquilo que chamamos civilização. Sua última teoria pulsional, com sua *Destruktiontrieb*, nos ajuda a pensar muitos dos problemas que aqui apresento. Outra vez, destaco o cuidado que devemos ter com as ideias de causa, das origens primeiras, das explicações últimas ou das soluções finais.

Imaginemos como funcionam as falsas premissas provocadas pela inveja. Elas atuam na mente como células cancerosas, destruindo a informação de sua morte, na tentativa de alcançar a imortalidade, proliferando-se, clonando-se indefinidamente, produzindo cópias idênticas que formam o tumor que trará, como consequência, a morte do indivíduo (continente) e, desde logo, as células que se pretendiam imortais (conteúdos) morrem junto com ele. Como na parábola do escorpião e do sapo, esse último se convence, através de uma lógica “política-

mente” correta, que o escorpião não lhe atacaria, pois ambos morreriam afogados. Frente ao atônito sapo, paralisado e afundando pelo veneno instilado, o escorpião lhe diz que não podia evitá-lo, pois era essa a sua natureza. Morrem os dois, ninguém ganha nada, vale somente a lógica da imortalidade do elemento constitucional, genético ou natural (discursos utilizados com frequência para justificar o Mal).

Tendo em mente essas ideias, denominamos, com Arnaldo Chuster, Inveja do Futuro uma constelação de fenômenos que incluem: desconsideração com a natureza em diferentes sentidos, ausência de preocupação com as futuras gerações, degradação de uma ética da solidariedade, etc. Todos eles remetem a uma fantasia mortífera de imortalidade. Propostas de medidas para não precipitar o fim do planeta ou o fim do homem não encontram suficiente repercussão nos países mais ricos, boicotando todos os esforços nesse sentido, mantendo uma visão imediatista e voltada exclusivamente para seus interesses econômicos. Mas, isso é racionalizado através de um mal entendido, ou premissa falsa na lógica do pensamento, que iguala interesse econômico e imediatismo, o eterno presente. Alguns chamam de capitalismo selvagem essa forma de exploração do homem e da natureza. É selvagem, também, porque não aceita limites: o mundo está aí somente para ser fonte de riquezas e não é uma riqueza em si mesmo.

A inveja do futuro tenta expressar o ataque maciço aos que nos sucederão, aos nossos filhos, aos filhos de nossos filhos e assim por diante. O que está em jogo é a insuportabilidade da aceitação da morte, como no modelo do câncer. Vivemos em uma época em que a humanidade se preocupa, de uma forma insana, com a manutenção da eterna juventude. As gerações se indiferenciam, se amalgamam.

O futuro é a morte de uma geração e o nascimento de outra. As folhas

velhas de uma árvore têm que cair para que as novas possam nascer, disse uma vez uma paciente. Se não toleramos essa passagem, o intergeracional desaparece: somos todos de uma mesma geração, nem pais nem filhos. Portanto, não existindo futuro, o tempo é um eterno presente. O modelo do câncer, em sua delirante busca da imortalidade, novamente deve ser lembrado: não haverá vencidos ou vencedores, pois não haverá futuro para ninguém. As metástases destruidoras terminarão destruindo tudo, incluindo as próprias metástases, festejando até o último minuto a conquista da eterna eternidade.

Depois de ter finalizado esse texto, recebo a informação de que a Nasa, através de seu departamento de proteção a outros planetas (!), está muito preocupada com a possibilidade de uma contaminação imprevisível em Marte, quando os primeiros astronautas pisarem em seu solo. Repetindo a história de tantos povos dizimados pelos colonizadores e suas doenças, as bactérias e vírus, inevitavelmente carregados por esses homens, poderão produzir tal desequilíbrio ambiental, que tornaria impossível a sobrevivência do/no próprio planeta. Informam que não existe um processo de descontaminação humana confiável, somente o da nave. Com isso, descobrimos que o homem, “em sua infinita sabedoria”, poderá destruir outros planetas, não só a Terra. Descobrimos novos planetas apenas para destruí-los mais tarde? Somos metástases ambulantes? Assim caminha a humanidade...

Nada é finito. Tudo recomeça depois do ponto.

Leonardo Francischelli (SBPdePA)

Lixo. Toneladas de lixo. Sabias que o mundo será ocupado pelo lixo produzido pelo homem? O lixo matará o mundo! Somos 7 bilhões de habitantes. Os *experts* dizem que nossa produção média de lixo é de 1 Kg/dia. Fazendo uma conta simples, primária, perceberemos que a quantidade de quilos é infernal. Quanto desses quilos é biodegradável?

São as vozes pessimistas as que afirmam que a terra se transformará em

um lixão. O lixão da Estamira?

Ninguém sobreviverá a tanto lixo e o mundo sucumbirá a tanta agressão do homem. Pulsão de morte?

Se não bastasse isso, deveremos ainda computar a absurda produção de gases, metano e gás carbônico, que produzem nossas confortáveis máquinas que nos oferecem um conforto e uma marca social distinguida, como outra produção humana que infesta o mundo.

Tomamos esses dois produtos do homem como referências da enorme produção humana que acarreta os assustadores fenômenos climáticos do nosso tempo, afirmam reconhecidos cientistas.

Segundo Peter Singer, filósofo e professor de bioética da universidade de Princeton em recente entrevista ao jornal O Estado de São Paulo (4-11-2012), sustenta:

“Em primeiro lugar, deixe-me dizer que não devemos admitir que o furacão Sandy foi um acidente natural. Cientistas, que pesquisam mudanças climáticas induzidas pela atividade humana, já haviam previsto que eventos climáticos extremos iriam se tornar mais comuns. Por sua intensidade e força, é praticamente certo que o furacão esteja conectado aos danos que causamos ao meio ambiente”.

Estaria o bicho homem, como produtor de tantos detritos, matando a galinha dos ovos de ouro? Estaria o homem produzindo, conscientemente ou não, a morte do planeta Terra, de onde retira a sua sobrevivência?

Freud escreveu, em 1937, *Análise terminável (finita) e interminável (infinita)*. Texto memorável. Segundo alguns, carregado de um pessimismo do autor sobre os verdadeiros alcances da psicanálise. No seu conjunto, nos diz Strachey, na apresentação do artigo, “o texto deixa uma impressão de pessimismo em relação com a eficácia terapêutica da psicanálise”.

Essa onda pessimista, tanto em um campo como no outro, seria concentrada no valor quantitativo, econômico, do pulsional nos combates com o Eu e com a Natureza. Em nossa óptica, pen-

samos que não. Expressa, isso sim, dificuldades com o fazer clínico, entretanto, longe de assustar as vocações verdadeiras.

Nesse escrito aparece a famosa recomendação aos analistas de voltarem ao tratamento após cada cinco anos e é aí que Freud fala em análise terminável e interminável, ou, em outras palavras, tarefa terminável (finita) em uma interminável (infinita).

O finito, o terminável, é como um ponto no espaço. Momento de finalizar a frase. Contudo, a escrita não se detém aí. Logo do ponto, ela reinicia e se torna interminável, infinita. Essa, a herança freudiana: nada é finito. Tudo recomeça depois do ponto. Daí a recomendação de retomar o tratamento a cada cinco anos; entretanto, poucos a seguem.

Pensamos que o interminável está ligado à pulsão. Ao inconsciente, com certeza. Ambos intermináveis. Eles seguem existindo e produzindo efeitos, após o ponto final de uma análise, que obviamente deve existir. Se uma só análise fosse finita implicaria o fim do pulsional e do inconsciente simultaneamente. Mas, se isso fosse assim, seria uma calamidade pública.

O mesmo, pensamos, aconteceria com o planeta Terra. Por mais lixo não degradável que possamos produzir, por mais metano e gás carbônico que a humanidade produza, criando crises importantes na climatologia e no aquecimento global do planeta, não conseguiríamos liquidar com as forças “pulsionais e inconscientes” da Terra.

Em 30 de abril e 1º de maio de 2010, a FEBRAPSI organizou no Rio uma

jornada sobre sustentabilidade. Entre outros, estava presente o Dr. Sergio Besserman. Da sua conferência, destacamos o seguinte: “É verdade que alguns ambientalistas sinceros muitas vezes cometem equívocos dos desenvolvimentistas alienados e superestimam as forças da humanidade. Acreditam que a natureza do planeta está sob risco e que temos de salvá-la da destruição causada por nós mesmos”.

“Superestimam as forças da humanidade” fazem um contraponto às ideias de Singer. Aliás, em toda sua exposição, ele defende a capacidade de reposição e criatividade do nosso sistema planetário. A capacidade de se reinventar. Eco das vozes otimistas.

Assim como uma análise não fecha o caminho para uma próxima (re) análise, posto que a matéria pulsional, assim como o inconsciente, continuam presentes no analisando, poderíamos conjecturar, mesmo que pareça um excesso de liberdade, que o furacão *Sandy* represente uma sucessão de (re)análises que as camadas terrestres fazem ao longo do tempo, para libertar-se dos processos neuróticos ou mesmo psicóticos.

O homem padece sofrimentos psíquicos em sua travessia edípica, enquanto que a Terra também sofre agressões constantes do homem.

Freud inventou a psicanálise para a cura das dores da alma e a natureza cria o *Sandy* para curar-se dos gases neuróticos/psicóticos que a sufoca.

Excesso de otimismo?

Talvez.

Gênese da mente destrutiva

Henrique Honigsztein (SBPRJ)

Winnicott, em *Fear of Breakdown* refere usar o termo *breakdown* (colapso) por ser vago e poder ter vários significados. No contexto que se refere, seria uma falha da organização defensiva, e pouco depois conclui que a palavra é usada para descrever o estado impensável de situações que subjazem à organização defensiva. O que é ameaçado é a organização egoica. Não há como se organizar contra a falha ambiental, na medida em que a dependência é um fato vivo (Winnicott).

O colapso é o resultado do fracasso das defesas que

impedem o paciente experimentar as agonias primitivas como: retorno a um estado não integrado; cair para sempre; perda do sentimento do real; perda da capacidade de relação com os objetos. Perda da colusão psicossomática, e assim por diante. Para Winnicott, o que vemos clinicamente é sempre uma organização defensiva – a agonia subjacente é impensável, e assim a doença psicótica é uma organização defensiva, a não ser quando, em suas palavras, o ambiente facilitador não foi deficiente, mas tantalizante, talvez a pior coisa que possa acontecer a um bebê humano.

O ponto principal que Winnicott aponta é que o colapso tão temido já aconteceu. Ele escreve: “É um medo da

agonia original que causa a organização defensiva que o paciente apresenta como doença”

Isso leva, de imediato, a pensar diante do que busco examinar, que perturbações no encontro com o ambiente facilitador teriam sido vividas pelo indivíduo que vai organizar sua mente de um modo destrutivo?

Um paciente procurou-me por ter constantemente acessos de raiva e temer colocar em risco seu trabalho. Irritava-se facilmente e temia que pudesse chegar a situações em que agredisse fisicamente seus superiores ou mesmo colegas. Logo ao início do tratamento, cinco sessões semanais, referiu que sentia por vezes seu rosto

se desmanchar, e por vezes ao olhar no espelho via um ponto negro – isso acontecia em situações nas quais vivia sob fortes angústias. Nos primeiros meses de análise, desenvolveu um sentimento de que no Rio só existiam dois lugares, ligados por um feixe luminoso: sua casa e meu consultório, e aos poucos foi se dando conta de um mundo que ficava mais colorido. Tirou um período de licença no trabalho. Num determinado dia pela manhã, ao abrir a porta para alguém que batia com impaciência, encontro-o desesperado, pedindo que o atenda. Ao ser atendido, conta que ao sair da sessão do dia anterior (à noite) ficou no portão do prédio do meu consultório à espera do irmão, que iria encontrá-lo. De repente, vê-me sair do prédio e andar, me afastando cada vez mais dele. Começou a experimentar forte angústia, sensação de o chão tremer sob seus pés bem como a dos prédios em volta ameaçarem cair sobre ele. Disse que buscou reunir suas forças ao máximo que podia e correu para o consultório do psicoterapeuta que eu aconselhei que o irmão procurasse para tratamento, distante um quarteirão dali. Ao chegar, esse colega o recebeu e após ouvi-lo falou: “Bem, mas agora é melhor que vá, o que seu irmão vai sentir se nos ver aqui?” “Agarrei-me nesse nós e pude ter força para pegar uma condução e ir para casa”.

Posso pensar que esse paciente experimentou a agonia primitiva de volta a um estado não integrado, defendendo-se pela desintegração, e encontrando saída por uma defesa de unir-se a alguém já unido comigo dentro de si. A partir desse episódio, suas sessões ficaram marcadas por muita ansiedade, agressividade, constantes idas ao banheiro para olhar-se no espelho e verificar a correção de alguma interpretação minha pelo modo com que era refletido no espelho: um ponto, ou seu rosto. Numa determinada sessão, ficou em pé diante de mim, tenso, e tensionando-se, enquanto dizia: “Estou chamando meu ódio, quanto mais ódio, mais meus músculos ficam duros e eu me sinto mais forte”. Como em nenhuma outra ocasião, eu tive a clareza do poder tônico do ódio e talvez, de uma de suas grandes funções. O ódio criava para o paciente uma pseudo-organização psicossomática. Nesse ponto, volto a Winnicott ao fim de seu artigo:

“Porém, o indivíduo não pode se desenvolver de uma raiz egoica se essa é divorciada da experiência psicossomática e do narcisismo primário. [...] Note-se, aqui, que tudo isso é uma longa distância no tempo anterior ao estabelecimento de alguma coisa à qual poderia ser útil chamar de *self*”.

O trecho que pulei, transcrevo agora: “É justamente aqui que começa a intelectualização das funções do ego”.

Destaquei esse trecho, pois o introduzo para acessar algo que me permita ter alguma luz sobre a mente destrutiva, que exemplifico em Goebbels (dados da biografia de Reuth). Nasceu no fim do século XIX. Teve uma forte ligação com a mãe – segundo ele (G.), ela o amava tão intensamente porque quase perdeu a vida quando ele nasceu, e mais, ofereceu ao filho o amor que ficou devendo ao marido. A perna direita sofreu um processo inflamatório que lhe deixou uma lesão que o fazia coxear, marcando-o como alguém diferente, inferior, num ambiente de colegas se entregando a atividades atléticas, esportivas. O que lhe deu condições de não se colocar em reclusão, isolado, foi sua ligação com a cultura, sua fome de leitura. Vou transcrever alguns trechos expressivos dos diários.

29 de novembro de 1923:

“A mãe está doente no leito. Em casa, desordem sobre desordem. [...] Estou cansado daqui. Sinto que sou demais. É necessário que eu me salve desse buraco. Estou a ponto de me evadir, talvez sem espírito de retorno. Se eu soubesse ao menos para onde ir? Aqui eu tenho suficientemente para comer, mas isso não vai longe, de verdade. Não se sabe, em minha casa, o que é o desconforto intelectual. Aqui só se vive de pão. É tenebroso, é assustador. Aqui eu sou o vilão, o renegado, o apóstata, o banido, o ateu, o revolucionário. Eu sou o único que nada sabe, a quem nunca se pede um conselho, aquele cujo julgamento é muito insignificante para que se dê ouvidos”.

Em 10 de novembro, poucos dias antes, escrevera: “A mãe se inquieta por mim com uma fidelidade e um devotamento que não pertencem senão a ela. Eu agradeço ao destino por ainda tê-la. É o farol fixo que ilumina minha alma.”

Mas essa luz não basta para aquecer momentos em que tudo se apaga.

17 de julho de 1924:

“Eu estou tão sem força diante da vida diária. Tudo que começa, vai a pique. Eu não consigo aqui sair da gaiola. Como se me tivessem cortado as asas... Não achei até agora tarefa de vida justa. Muitas vezes diante da manhã tenho medo de levantar-me. Nada me espera – nenhuma alegria, nenhuma dor, nenhum dever e nenhuma tarefa. À minha vida faltam concentração e conexão. Eu circulo através do universo, errante e sonâmbulo. Para uma vida correta é preciso antes de tudo uma tarefa firme e uma base sólida. Isso me falta... O que devo fazer? O que começar? Eterna dúvida. Eterna questão. Como é ressecado meu espírito... Eu tropeço de queda em queda e de culpa em culpa ao abismo. Miséria!”

Um ano e meio depois (2 de janeiro de 1926): “Uma triste entrada no Ano Novo... Meu coração está tão pesado nessa hora. Merda em mim e à minha volta.” Dois dias depois: “Sinto-me um pouco doente. Devo me cuidar algo mais. Dormir mais e pensar menos. Fumar é meu último prazer. Por isso é tão difícil deixá-lo... Só trabalho para me insensibilizar. Pensar sobre si mesmo traz desespero. E assim vai-se adiante. Até o fim!”

Em 7 de abril de 1928: “Eu tenho medo como os filhos de judeus”.

Os judeus vão se tornando mais e mais alvos de suas projeções (6 de dezembro de 1930): “Em dez minutos apenas, o cinema parece uma casa de loucos. A polícia é impotente. A multidão, estimulada, se dirige aos judeus... ‘Fora os judeus’. ‘Hitler está a nossas portas’. A polícia simpatiza conosco. Os judeus são pequenos e feios.”

Vai-se estabelecendo seu processo de autocura.

Em fins de 1929 (17 de dezembro) transcreve um sonho: “Tive um sonho singular: eu estava em uma escola e era perseguido através dos vastos corredores por muitos rabinos da

Galícia Oriental. Eles me gritavam sem parar: ódio. Eu estava alguns passos à frente deles e respondia com o mesmo grito. E assim por horas. Mas eles não me pegavam. Eu sempre estava alguns passos adiante. Isso é um bom presságio?”

Começa a se tornar claro: o papel do ódio como ativador, o que o põe em movimento; das projeções e de sua corrida para que elas não retornem a si. E vai-se tornando clara a necessidade do reabastecedor psíquico que vai caber a algumas figuras como se expressa no trecho de 23 de setembro de 1928: “As mulheres são como motores que colocam vossas forças em movimento”.

Isso poderia ser compreendido como expressão corrente de um apaixonado, se não tivesse sido repetida com pouca variação até pouco antes de seu fim, sendo Hitler a grande figura reabastecedora.

Vai surgindo a reação ao sentimento de impotência, a onipotência secundária (16 de dezembro de 1928): “O que é o Cristianismo hoje para nós? O nacional-socialismo é religião. Só nos falta o gênio religioso que faça explodir as velhas fórmulas ultrapassadas e crie novas. Falta-nos o rito. Meu partido é minha igreja, e eu creio servir ao Senhor do melhor modo, quando preencho sua vontade e liberto meu povo oprimido de seus grilhões da escravatura”.

Ele é o anunciador do novo Evangelho – a reunião com o destino Superior o tonifica, o estrutura, assim como a entrega a uma figura configurada como o Ser superior, a quem se entrega e de quem recebe o reabastecimento que lhe permite viver (9 de novembro de 1932): “Vi Hitler em seu apartamento. Ele filosofa. Sobre o direito do mais forte. É muito bem e maduramente refletido. Que homem fantástico. Eu me faria cortar em quatro por ele”.

Hitler é o grande reabastecedor (20 de janeiro de 1942): “Então me

despeço dele... Eu me represento como um acumulador que foi recarregado.”

Em 15 de fevereiro de 1942: “Lamento que o Führer volte a seu quartel-general. Eu gostaria tão fortemente mantê-lo em Berlim, já que essas constantes conversas com ele são uma eterna fonte renovada de força e segurança interna.”

Em 20 de março de 1942: “É tão agradável para mim poder conversar tão longamente com o Führer sobre todas as coisas pessoais. Tem o efeito de um acumulador de energia... sente-se como um acumulador recarregado”.

Isso me surge como eco de outros trechos de seus diários, pré-guerra e pré-ministro (27 de junho de 1928): “No que concerne à minha saúde, não estou no melhor da minha forma. Falta-me o motor de uma mulher.” E, pouco tempo, depois (23 de setembro): “As mulheres são como motores que colocam vossas forças em movimento.”

Nessas torrentes de dados trazidos pelos diários surgem em releituras pontos que se destacam, como o da busca das fontes de energia e luz (5 de dezembro de 1923): “... parto para Colônia com Elsa. Vou propor o Viajante e Prometeu ao... para uma primeira representação. Quero surgir à luz do dia. Sem luz, se perece. A luz traz a força e o alimento necessário à retomada da criação: Eu vou colocar tudo em ação para conseguir uma representação. Ela é para mim o que a chuva é para a terra quando o verão é ardente.”

Uma fonte de energia foi cada vez mais e mais procurada. O ódio vai se firmando como o seu grande reabastecedor de energia, e ele vai criando a sua verdade particular (20 de março de 1924): “Não se poderá resolver a questão judaica a menos que se seja, de uma vez por todas, duro e impiedoso.”

Em 10 de abril: “Eu quero outro mundo: um mundo alemão e faustiano, não um mundo semítico e oriental... Minha personalidade se faz mais forte e mais firme. Eu não balanço mais entre dois extremos.”

Pouco depois (10 de junho): “O estado democrático: a maior impostura judaica que foi inventada desde Adão! Nós queremos a ditadura dos bons e capazes, de qualquer religião ou estado que eles possam ser.”

E a 17 de dezembro de 1926: “Eu inventei, parece-me, um novo modo de

falar. Afasto-me mais e mais do material e passo diretamente ao nível da tipificação e da concepção do mundo. Meu modo de pensar, de falar e de escrever ganha em consistência e tipicidade. Eu não vejo mais nada em termos individuais, unicamente em termos típicos. Eu considero que se trata de um grande ganho.”

Essa tipificação torna tudo simples e bem digerível às massas para as quais fala e para si: arianos X judeus; criadores (arianos) X parasitas (judeus); seres belos e superiores X seres repugnantes (ratos, pulgas) e inferiores (degenerados); com suas consequências: preservar o belo que tem o direito a tudo e eliminar o degenerado, carregado de taras. Essa *Weltanschauung* passa a ser mais um dos motores acionadores de sua mente. Outro motor continua presente (23 de setembro de 1928): “As mulheres são como motores que colocam vossas forças em movimento.”

Os motores de sua vida parecem se conflitar (30 de abril de 1929): “Todos os dias a seguir, trabalho pesado. Mas ao pensamento de Xênia, esta vida miserável se ilumina. O amor é o grande motor da vida.”

E (14 de agosto de 1929): “As histórias de mulheres tomam toda minha coragem e toda minha força de espírito. Estou decidido a uma cura radical. Terminado! Terminado! Eu acertei isso hoje com Xênia e Jutta... Eu nada posso dar em troca de todas essas lágrimas. Isso me é extremamente penoso. Mas é preciso avançar, senão, eu me parto todo em pedaços. Não se pode fazer os dois em paralelo. Isso ou aquilo. Eu vou me esforçar em encontrar um equivalente no trabalho.”

A meu ver, cada vez mais abre-se o caminho para ele estabelecer seu grande motor (29 de agosto de 1929): “Uma exposição deve ser organizada na ocasião da Semana nacional-socialista. Propaganda e provocação, uma orgia de ódio.”

E pouco depois (3 de setembro de 1929): “Nesse outono vão coincidir uma série de enfrentamentos decisivos: é quando se verá se nós conseguimos nos impor definitivamente em Berlim. Mas isso recomeça a tornar-se interessante. O combate começou. Deus seja louvado, a preguiça do repouso acabou.”

Sem o motor da mulher, agora em segundo plano, o motor do ódio irá

garantir que ele não se imobilize.

Quatro dias depois (7 de setembro de 1929): "... O trabalho recomeça agora sob alta pressão. Eu estou encantado. Meu nervosismo se atenua pouco a pouco. É simplesmente por causa da falta de combate e de trabalho."

Um momento dramático onde tudo parece se perder (11 de setembro de 1929), ao receber um telegrama que anuncia que Hitler sofreu um acidente mortal: "Um véu cinzento se estende diante de seus olhos. Meus sentidos me abandonam. Eu sou sacudido por espasmos. O caos se abre diante de mim... Eu sinto pesar uma pressão que não enfraqueceu ainda. Sair! As paredes desabam sobre mim... O pior momento que jamais vivi. [...] Eu sinto agora o que Hitler é para mim como para o movimento: tudo! Ele é tudo!". Aqui, lembro-me a reação do paciente citado ao início, ao ver-me indo para longe e perdendo-me de suas vistas.

Surge em sua vida a mulher mais marcante (28 de janeiro de 1931): "Madame [...] quando veio à minha casa fazer um trabalho de arquivista. É uma bela mulher"

Em 15 de fevereiro de 1931: "Ela é florescente, com seus louros cabelos suaves e envolventes. Como você surgiu, minha rainha?" "Que bela, bela mulher. Eu vou amá-la muito."

Em 9 de abril de 1931: "Tomei férias de Magda. Ela esteve fielmente a meu lado nos dias difíceis. Nunca me esquecerei disso quanto a ela." Três dias depois: "Magda está em Berlim e não me liga. Um ciúme insensato me tortura. Espero, espero... Ela liga enfim: o homem que ela amava antes de mim a feriu gravemente com um tiro... Agora ela partiu para longe. Eu ouço em sua voz que vou certamente perdê-la. Caio no mais profundo desespero." Nas linhas seguintes, expressa sua luta pela reorganização: "Eu meço por isso quanto a amo. Terei muita dificuldade para repor a ordem em mim. Talvez essa perda seja necessária para me trazer de volta à realidade? [...] E trabalhar em nossa obra com um ardor redobrado."

Ele se reconcilia dias depois com Magda, e ele escreve (10 de maio de 1931): "[...] Como sou feliz de tê-la! Uma mulher tão bela é um raio perpétuo de sol num quotidiano de resto tão cinzento. Hoje, essa boa alma celebra a festa das mães. Mãe Magda."

Em 17 de junho de 1931: "[...] Magda dá asas à minha força e à minha imaginação. Eu sou muito feliz de possuí-la e tê-la toda inteira para mim. Agora, eu sei que há ao menos uma pessoa que me pertence e que me apoia em tudo. E eu pertenço também a essa pessoa.

A sombra (13 de julho de 1931): "À tarde, Magda me falou de seu casamento e do homem que ela amou antes. Dessa vez ainda, como sempre em ocasião parecida, discutimos. E há agora uma sombra sobre nossa felicidade. Posso crer em sua fidelidade, essa fidelidade que ela retirou de outro?"

A sombra (26 de julho de 1931): "Trabalho, amor, sol, felicidade. Que desejo mais? Não subsiste que uma sombra: que Magda amou um homem antes de mim. Isso me atormenta e me tortura."

Em 12 de agosto de 1931: "Passei a tarde e a noite com Magda. Ela foi gentil e afável. Ao fim, uma pequena discussão e nos separamos em função disso. Sempre a propósito do outro homem." Dias depois (16 de agosto): "O clima não se firmou. Uma sombra penetrou entre mim e ela."

Em 4 de setembro de 1931: "É preciso que Magda convide o chefe e o informe de nossa situação comum. Senão um ciúme estúpido corre o risco de se instalar entre nós. Ele foi muito gentil comigo hoje." Pouco a pouco, episódios que irão se repetir (13 de março de 1932): "Ao leito, morto de fadiga. Magda chora, até a manhã. Depois nós nos reconciliamos... Nós estamos ambos um pouco nervosos e exaltados. A causa é para mim o excesso de trabalho, para ela a sensibilidade nervosa. Mas nós acabamos por nos entender."

Algo bem expressivo (12 de março de 1932): "Quinta: partida da casa. Zangado com Magda. Ela não é boa comigo. E sobretudo neste período tão penoso para mim. Sua obstinação me fadiga e deve ser quebrada." Assim como têm que ser quebradas resistências em política, obstinações de outras mulheres, as dos judeus. Goebbels vai caminhando para estabelecer mais e mais em si o grande fator destruidor de resistências: o ódio, em sua expressão prática – o terror.

Em 11 de maio de 1936: "Explicação com Magda. Ela chora muito e é tão triste. Eu estou comovido. Muitas vezes, eu a trato muito mal."

Alguns dados das anotações de 10 de novembro de 1938, sobre a Noite de Cristal: "Estava para voltar a meu hotel, quando vi o céu se tornar vermelho-sangue. A sinagoga queimava. Não fizemos estender os incêndios em função de construções alemãs da vizinhança. Senão, deixaria queimar. O batalhão de assalto fez um trabalho terrível. Os despachos chegam agora do conjunto do Reich: 50, depois 75 sinagogas queimam... Assim que retorno ao hotel, vidros voam em explosão. Bravo, bravo! No momento, nada de especial a fazer, procuro dormir algumas horas. O rádio ultrapassou 10 milhões de ouvintes. Um resultado fantástico, que é muito satisfatório."

Não há mais ciúmes, não há mais rejeições, na fonte geradora sem interrupções de poder absoluto se estabeleceu. Os que são sujeitados a esse poder não têm o que ou como se opor – são ex-seres reduzidos a coisas, peças de um cruel jogo.

CONCLUSÕES:

Winnicott fala da onipotência secundária como uma reação a um sentimento de impotência, poder-se-ia dizer ao não estabelecimento da onipotência primária. Esta é possibilitada pela experiência do bebê com uma mãe que de tal modo o atende e entende que lhe dá a sensação dele ser a própria mãe. Essa mãe interna banhando seu psiquismo lhe dá o sentimento de confiança, que o possibilita circular no mundo sentindo-se em casa. É a situação contrária à da que, defrontado com uma mãe, com um ambiente que falhou, experimenta o colapso, e busca uma organização com o que é possível, como:

- 1) O ódio como tonificador (lembrar o paciente: "o ódio faz meus músculos ficarem duros e me sinto forte"
- 2) O poder mágico das palavras

– como aquelas que contêm tal carga de ódio que parecem a própria personificação deste. Exemplifico com Goebbels e Hitler: *Vernichtung, Fanatisch, radikal, totaler Krieg* (eliminação, guerra total). Sente-se que, ao emitir essas palavras, o locutor parece vê-las agindo.

Essa organização compõe a onipotência secundária, cuja grande finalidade é a eliminação, já que o mundo dos objetos, por não ser confiável, lhe dá experiência de que estes objetos fazem objeção à sua existência, e que essa só se torna possível pelo constante recurso de anular os que lhe objetam. O recurso da negação é presente como uma das armas, que acaba voltando-se contra o que a usa, pois as próprias percepções são atingidas e assim não tem como alimentar a condição de pensamento. Surge um pseudo-pensamento a partir de uma *Weltanschauung*, em que se tipifica e se simplifica o mundo, basicamente, entre o que eliminar e não eliminar. Isso feito, repito, não a partir do encontro com os objetos, mas sim com os tipos criados a partir de uma mitologia própria.

Esse indivíduo vive em fragmentos e quero, para encerrar, trazer um exemplo desse que tomei como base de meus pensamentos - trechos do diário de 18 de março de 1945: “Soa quase como uma piada nessa situação crítica do Reich que Rosenberg não se mostre pronto para se desfazer do ministério do leste...”

Dias antes, em 14 de março de 1945, ele escrevera, após o bombardeio de seu Ministério: “Toda a família participa de meu luto. Todos tínhamos o Ministério tão forte em nosso coração... Porém eu estou fortemente decidido, depois da guerra não apenas construir um novo Ministério monumental – como é de opinião do Führer, porém fazer ressurgir esse velho Ministério em todo seu antigo brilho. Como se aspectos mentais estivessem possibilitados de razão, e de repente aspectos, ou fragmentos

dissociados alimentados por fantasias de grandiosidade, por ódio, ganhassem o primeiro plano.

Em seu artigo final, Winnicott fala de uma defesa: a não existência, que buscaria evitar responsabilidade em certos casos (posição depressiva) ou evitar perseguição, no caso, como escreve, do estágio de asserção do *self*, isto é, o estágio do Eu Sou com a implicação inerente: eu repudio tudo que é não-eu. Ele escreve isso em suas linhas finais de um artigo em que parece se defrontar com vivências emocionais para as quais são difíceis encontrar as palavras e uma ordenação tranquila delas, mas ele nos chama a chegar junto a essas turbulências, falando de como a percepção de um ego prematuro pode ser mobilizada, “o indivíduo não pode se desenvolver de uma raiz egoica divorciada da experiência psicossomática e do narcisismo primário. É justamente aqui que começa a intelectualização das funções do ego”.

Não resisto a transcrever um trecho em que Goebbels expressa a vivência de onipotência num momento em que na realidade o desastre já estava à porta (23 de janeiro de 1943): “...foi instaurada uma ditadura interna, na qual eu serei o ditador psicológico e a vontade que moverá toda ação. Tenho a impressão que [...] apesar da Catástrofe de Stalingrado esse dia deve ser visto como trazendo a seguir, uma mudança decisiva na direção da guerra.”

Dias depois ele discursa convocando à guerra total e radical, com fanatismo. Essas palavras irão ser uma espécie de mantra, constantemente recitado e proclamado como que à procura de uma ação que faça a realidade dar uma completa reviravolta. O ódio contra um super-inimigo, que só ele, sendo super, poderá derrotar. E assim até o amargo fim.

O ódio que preenche essas palavras circula como um sustentador do ego, e se torna o ar que respira. A eliminação é a resultante.

A tragédia se consome: sem trocas, o ego exige mais e mais eliminação, pois tudo que é objetal é sentido como fazendo objeção à sua existência. Sem trocas, a ação terapêutica de uma relação onde o amor circulasse não é experimentada. A mente destrutiva acaba por se levar a seu destino.

A força sustentadora das palavras

não consegue o alimento que permite que esse indivíduo vá do ego temeroso ao *self*. Ele cria sua própria objeção.

Adendo:

Lendo o livro de Emmanuel Faye: Heidegger – a introdução do nazismo na filosofia, encontro o seguinte trecho “[...] ele retoma nos seus cursos a questão herdada de Kant ‘que é o homem?’, para reduzi-la à questão ‘quem somos nós?’; esse nós designando nada mais que a existência *völkisch* do povo alemão sob o jugo de Hitler. Como resposta, [...], Heidegger afirma: ‘nós somos o povo’ (*wir sind das Volk*), o único a ter ainda, segundo ele, uma história e um destino, o único povo ‘metafísico’ [...]”

Esse é o povo que merece a qualificação que tem. Os outros e aqui surge um discurso sobre os que morreram no holocausto: “Centenas de milhares morreram. Será que morrem? Eles falecem. Eles são assassinados. Será mesmo que morrem? Eles se tornam as peças de reserva de um estoque de fabricação de cadáveres. Morrem mesmo? Eles são discretamente liquidados nos campos de extermínio...”

[...] Nós podemos alcançar somente se nossa essência ama a essência da morte. Mas para inumeráveis mortos, a essência da morte permanece inacessível. A morte pertence ao *Dasein* do homem que se manifesta a partir da essência do ser...

É por isso que o homem pode morrer se e somente se o próprio ser apropria a essência do homem em sua essência do ser a partir da verdade de sua essência. Possuir a morte em sua essência significa poder morrer. Somente os que podem morrer são os mortais no sentido próprio dessa palavra.” (apud Faye, Conf. 2 dezembro de 1949 em Bremen).

Os judeus, os não seres, as peças do cruel jogo anulados de objetos, não morreram, não foram qualificados a isso. Voltam-me as palavras de Goebbels: “Eu inventei, parece-me, um novo modo de falar. Afasto-me mais e mais do material e passo diretamente ao nível da tipificação e da concepção do mundo. Meu modo de pensar, de falar e de escrever ganha em consistência e tipicidade. Eu não vejo mais nada em termos individuais, unicamente em termos típicos.”

O grande ganho é a expansão do nazismo e seu apagamento do indivíduo. Apaga-se o indivíduo e estabelece-se um Nós abstrato, carregado da sedução de um envolvimento sob as asas protetoras do Estado e seu Führer. O indivíduo e seus desejos, aspirações, anseios, sofrimentos é diluído na massa abstrata manipulada por palavras que mais do que meio de comunicação, são um meio de infiltração de jargões anuladoras do ser, e anuladoras, isso eu destaco, da empatia, e assim da condição de tolerância, convivência.

Referências Bibliográficas

- Faye, Emmanuel – “Heidegger- l’introduction du nazisme dans la philosophie” - Abin Michel - 2005.
Goebbels, J. – “Tagebücher” – Pifer – München – 1992
Goebbels, J. – “Die Tagebücher von Joseph Goebbels” – K. G. Saur – München – 1994-1995.
Winnicott, D. “Fear of Breakdown” – Int. Rev. Psycho-Anal (1974) – 1, 103.

Sobre a transitoriedade

“Não faz muito tempo empreendi, num dia de verão, uma caminhada através de campos sorridentes na companhia de um amigo taciturno e de um poeta jovem mas já famoso. O poeta admirava a beleza do cenário à nossa volta, mas não extraía disso qualquer alegria. Perturbava-o o pensamento de que toda aquela beleza estava fadada à extinção, de que desapareceria quando sobreviesse o inverno, como toda a beleza humana e toda a beleza e esplendor que os homens criaram ou poderão criar. Tudo aquilo que, em outra circunstância, ele teria amado e admirado, pareceu-lhe despojado de seu valor por estar fadado à transitoriedade.

A propensão de tudo que é belo e perfeito à decadência, pode, como sabemos, dar margem a dois impulsos diferentes na mente. Um leva ao penoso desalento sentido pelo jovem poeta, ao passo que o outro conduz à rebelião contra o fato consumado. Não! É impossível que toda essa beleza da Natureza e da Arte, do mundo de nossas sensações e do mundo externo, realmente venha a se desfazer em nada. Seria por demais insensato, por demais pretensioso acreditar nisso. De uma maneira ou de outra essa beleza deve ser capaz de persistir e de escapar a todos os poderes de destruição.

Mas essa exigência de imortalidade, por ser tão obviamente um produto dos nossos desejos, não pode reivindicar seu direito à realidade; o que é penoso pode, não obstante, ser verdadeiro. Não vi como discutir a transitoriedade de todas as coisas, nem pude insistir numa exceção em favor do que é belo e perfeito. Não deixei, porém, de discutir o ponto de vista pessimista do poeta de que a transitoriedade do que é belo implica uma perda de seu valor.

Pelo contrário, implica um aumento! O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição. Era incompreensível, declarei, que o pensamento sobre a transitoriedade da beleza interferisse na alegria que dela derivamos. Quanto à beleza da Natureza, cada vez que é destruída pelo inverno, retorna no ano seguinte, de modo que, em relação à duração de nossas vidas, ela pode de fato ser considerada eterna. A beleza da forma e da face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas próprias vidas; sua evanescência, porém, apenas lhes empresta renovado encanto. Um flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela. Tampouco posso compreender melhor por que a beleza e a perfeição de uma obra de arte ou de uma realização intelectual deveriam perder seu valor devido à sua limitação temporal. Realmente, talvez chegue o dia em que os quadros e estátuas que hoje admiramos venham a ficar reduzidos a pó, ou que nos possa suceder uma raça de homens que venha a não mais compreender as obras de nossos poetas e pensadores, ou talvez até mesmo sobrevenha uma era geológica na qual cesse toda vida animada sobre a Terra; visto, contudo, que o valor de toda essa beleza e perfeição é determinado somente por sua significação para nossa própria vida emocional, não precisa sobreviver a nós, independentemente, portanto, da duração absoluta.

Essas considerações me pareceram incontestáveis, mas observei que não causara impressão quer no poeta quer em meu amigo. Meu fracasso levou-me a inferir que algum fator emocional poderoso se achava em ação, perturbando-lhes o discernimento, e acreditei, depois, ter descoberto o que era. O que lhes estragou a fruição da beleza deve ter sido uma revolta em suas mentes contra o luto. A idéia de que toda essa beleza era transitória comunicou a esses dois espíritos sensíveis uma antecipação de luto pela morte dessa mesma beleza; e, como a mente instintivamente recua de algo que é penoso, sentiram que em sua fruição de beleza interferiam pensamentos sobre sua transitoriedade.

O luto pela perda de algo que amamos ou admiramos se afigura tão natural ao leigo, que ele o considera evidente por si mesmo. Para os psicólogos, porém, o luto constitui um grande enigma, um daqueles fenômenos que por si sós não podem ser explicados, mas a partir dos quais podem ser rastreadas outras obscuridades. Possuímos, segundo parece, certa dose de capacidade para o amor — que denominamos de libido — que nas etapas iniciais do desenvolvimento é dirigido no sentido de nosso próprio ego. Depois, embora ainda numa época muito inicial, essa libido é desviada do ego para objetos, que são assim, num certo sentido, levados para nosso ego. Se os objetos forem destruídos ou se ficarem perdidos para nós, nossa capacidade para o amor (nossa libido) será mais uma vez liberada e poderá então ou substituí-los por outros objetos ou retornar temporariamente ao ego. Mas permanece um mistério para nós o motivo pelo qual esse desligamento da libido de seus objetos deve constituir um processo tão penoso, até agora não fomos capazes de formular qualquer hipótese para explicá-lo. Vemos apenas que a libido se apega a seus objetos e não renuncia àqueles que se perderam, mesmo quando um substituto se acha bem à mão. Assim é o luto.

Minha palestra com o poeta ocorreu no verão antes da guerra. Um ano depois, irrompeu o conflito que lhe subtraiu o mundo de suas belezas. Não só destruiu a beleza dos campos que atravessava e as obras de arte que encontrava em seu caminho, como também destroçou nosso orgulho pelas realizações de nossa civilização, nossa admiração por numerosos filósofos e artistas, e nossas esperanças quanto a um triunfo final sobre as divergências entre as nações e as raças. Maculou a elevada imparcialidade da nossa ciência, revelou nossos instintos em toda a sua nudez e soltou de dentro de nós os maus espíritos que julgávamos terem sido domados para sempre, por séculos de ininterrupta educação pelas mais nobres mentes. Amesquinhou mais uma vez nosso país e tornou o resto do mundo bastante remoto. Roubou-nos do muito que amávamos e mostrou-nos quão efêmeras eram inúmeras coisas que considerávamos imutáveis.

Não pode surpreender-nos o fato de que nossa libido, assim privada de tantos dos seus objetos, se tenha apegado com intensidade ainda maior ao que nos sobrou, que o amor pela nossa pátria, nossa afeição pelos que se acham mais próximos de nós e nosso orgulho pelo que nos é comum, subitamente se tenham tornado mais vigorosos. Contudo, será que aqueles outros bens, que agora perdemos, realmente deixaram de ter qualquer valor para nós por se revelarem tão perecíveis e tão sem resistência? Isso parece ser o caso de muitos de nós; só que, na minha opinião, mais uma vez, erradamente. Creio que aqueles que pensam assim, de e parecem prontos a aceitar uma renúncia permanente porque o que era precioso revelou não ser duradouro, encontram-se simplesmente num estado de luto pelo que se perdeu. O luto, como sabemos, por mais doloroso que possa ser, chega a um fim espontâneo. Quando renunciou a tudo que foi perdido, então consumiu-se a si próprio, e nossa libido fica mais uma vez livre (enquanto ainda formos jovens e ativos) para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais, preciosos. É de esperar que isso também seja verdade em relação às perdas causadas pela presente guerra. Quando o luto tiver terminado, verificar-se-á que o alto conceito em que tínhamos as riquezas da civilização nada perdeu com a descoberta de sua fragilidade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes”.

FREUD, S. (1915). Sobre a Transitoriedade. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Ed. std. bras. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Obs: destaques nos trechos acima foram realizados pela da Comissão Editorial